

Os liames da criação: entrevista com Telê Ancona Lopez

Por Aline Novais de Almeida e Marina Damasceno de Sá / Universidade de São Paulo

TELÊ ANCONA LOPEZ nasceu em Ribeirão Preto, São Paulo, onde escreveu crônicas e poemas no *Diário de Notícias*, quando cursava o Ginásio e Clássico. Hoje é professora titular da Universidade de São Paulo. Publicou livros e artigos sobre Mário de Andrade, modernismo brasileiro, vanguardas europeias, gêneros de fronteira, crítica textual e crítica genética. Nesta, dedica-se atualmente ao estudo da criação literária do autor de *Macunaíma*, na biblioteca por ele formada. Tem orientado projetos de mestrado e doutorado, supervisiona pós-doutorandos e ministra disciplinas de pós-graduação no Instituto de Estudos Brasileiros e na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, ambos na USP. Foi curadora do Arquivo Mário de Andrade no IEB-USP até 2008 e, de 2006 a 2011, coordenou o projeto temático FAPESP – *Estudo do processo de criação de Mário de Andrade nos manuscritos de seu arquivo, em sua correspondência, em sua marginália e*

Diálogo

em suas leituras. Nos últimos cinco anos, responsabiliza-se pelas edições de texto apurado de obras de Andrade, acrescidas de estudos e dossiê de documentos, em um protocolo que une o IEB-USP à editora carioca Agir/Nova Fronteira.



crédito da foto: Márcio Távora

Telé no jardim dos guaimbês

1) Em 1963, a senhora iniciou, na USP, suas pesquisas sobre Mário de Andrade, participando do tombamento da biblioteca, registro e análise da marginália do escritor, em um projeto financiado pela FAPESP, sob coordenação do Prof. Dr. Antonio Candido de Mello e Souza. O que a levou a estudar Mário de Andrade?

R.: NO SEGUNDO SEMESTRE de 1962, no curso de Teoria Literária e Literatura Comparada, na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, na disciplina em que analisava a poesia de Mário de Andrade, um dia, o Prof. Antonio Candido falou sobre a biblioteca e a marginália intocada do escritor. Rata de biblioteca, essa notícia me fascinou. Propus, afoita: “Vamos lá nas férias, registrar tudo!”. Antonio Candido me levou a sério; constituiu uma equipe. Fizemos o projeto e ele conseguiu as 3 primeiras bolsas FAPESP para estudantes, na área de Ciências Humanas – para Maria Helena Grembecki, Nites Feres e eu. Trabalhamos na casa da rua Lopes Chaves, na perfeita hospitalidade da irmã de Mário e da família dela. Entramos em janeiro de 1963 e só em 1968 pudemos concluir o registro das obras e da marginália graças à microfilmagem que nos ensinou o amigo de nosso Mestre, Prof. José Aderaldo Castello, então diretor do IEB-USP.

2) Falemos sobre os manuscritos no arquivo de Mário de Andrade: como foi entrar nesse espaço da criação dele, e de outros artistas ali preservados, como Rachel de Queiroz?

R.: Penso que a classificação de manuscritos implica a análise documentária e a codicológica rigorosas, para identificar e ordenar os dossiês, considerando sempre

a escritura que ali se mostra, em sua dinâmica, em seu movimento. No arquivo de Mário, significou organizar duas séries: Manuscritos Mário de Andrade e Manuscritos de outros escritores, com o apoio teórico que encontrei na crítica genética para identificar uma tipologia e desenvolver metodologia e procedimentos técnicos, discutindo-os com os pesquisadores estagiários que comigo trabalharam em vários projetos por muitos anos. A organização dos Manuscritos Mário de Andrade culminou no catálogo analítico, em 2011, como a sistematização realizada no projeto temático FAPESP. Nossa sistematização difunde informações detalhadas (datas, locais da redação, natureza, versões, presença de rasuras, instrumentos da escrita, suporte, estado de conservação); agrega notas da pesquisa referentes a todos os títulos, compartilhando nossas descobertas; acusa também trajeto escritura. O índice de cada título, no catálogo analítico, alia-se à apresentação fac-similada, via escâner, dos manuscritos (a microfilmagem será igualmente executada, para maior segurança), o que democratizará o acesso às informações, quando figurar no sítio do IEB, na internet. Participaram do temático, como coordenadores colaboradores, caros meus colegas Marcos Antonio de Moraes e Flávia Toni, das áreas de Literatura e Música do IEB, assim como pesquisadores em iniciações científicas, mestrados, doutorados e pós-doutorados, além do técnico que se tornou um ótimo pesquisador. Os projetos particulares dos pesquisadores, orientados por meus dois colegas e por mim, dialogaram com propostas contidas no projeto temático. Como não pretendo fazer desta conversa um relatório, não listo nomes e sim registro meu reconhe-

cimento a todos os que nos acompanharam. Lembrome sempre do brilho dos seus olhos, relatando-me descobertas; da paciência, do rigor pautando-lhes o trabalho.

Ao lado do processamento da série Manuscritos Mário de Andrade, Márcia Jaschke Machado classificou a série Manuscritos de outros escritores, conjunto documental que adveio do exercício de salvaguarda da memória brasileira, tarefa que o escritor se impôs e que lhe norteou, em verdade, a formação do acervo. Márcia preparou o catálogo analítico (*catalogue raisonné*) desta série, e fez dele sua dissertação de mestrado na FFLCH-USP, orientada por mim. Os documentos na série mostram muito bem que Mário não foi um colecionador convencional de manuscritos, mas que amigos escritores, como Alcântara Machado, Rachel de Queiroz, Lúcio Cardoso ou José Lins do Rego, confiavam-lhe originais (versões de obras) que haviam publicado. Mário de Andrade colecionador é uma das vertentes da série, ao lado de outras duas, Mário de Andrade mentor e Mário de Andrade no diálogo interpares, onde estão a prosa e a ficção de jovens escritores que buscavam as sugestões de um leitor severo, e a discussão com companheiros na luta modernista, Drummond, Bandeira, Tácito de Almeida ou Luís Aranha, antes dos textos chegarem ao prelo. Enriquecem essa vertente as análises rabiscadas nas margens por Mário que, aliás, no manuscrito de *Cocktails* de Luís Aranha desenhou uma capa para o futuro livro.

Vocês perguntam como foi, para mim, entrar no espaço da criação de autores, marcando especialmente Rachel de Queiroz (porque é cearense, Marina?!). Mi-

nha resposta: percebo em mim, inicialmente, pudor e prudência acompanhando meu alvoroço, meu anseio de compreender, nos manuscritos dos poetas e prosadores, também nos ensaios, a criação que ali se materializa; perceber o projeto que se esboça, afirma-se e chega ou não a um arremate. Rachel de Queiroz, ao oferecer o manuscrito *Três Marias*, alude, na dedicatória, ao artigo do crítico, no *Correio da Manhã*, em agosto de 1939: “Para Mario de / Andrade, / as três Marias agra- / dadas, com um grande / abraço de Rachel / Rio, 1º junho 1940”. Esse é um dos mais belos manuscritos: há o desenho de João Mateus, retratando as três meninas, e os desenhos da própria romancista, ajuntando ao texto momentos de recreio.

3) A senhora disse uma vez, em sala de aula, que quem organiza um arquivo há de ter o cuidado de preservar os liames nele encontrados. Que cuidados são esses?

R.: É simplesmente perceber a natureza e a função dos documentos, para organizá-los nas séries reconhecidas no arquivo, recorrendo, sempre que necessário, às referências cruzadas. Por exemplo: deve-se compreender que uma reportagem, uma notícia, recortadas de um determinado periódico, descobertas entre os fólios de um romance ou de um ensaio, não estão ali à toa, acidentalmente; ingressaram como nota de trabalho, informação a ser aproveitada. Fazem parte da escritura e não devem, absolutamente, sofrer deslocamento. No manuscrito “O poço”, no dossiê *Contos novos*, na série Manuscritos Mário de Andrade, acha-se a carta de um técnico especializado em perfuração, trazendo infor-

mações para garantir a coerência, no conto. Tem a função de nota de trabalho, mas, seus dados e seu fac-símile constam também, como referência cruzada, da série que organiza a correspondência do escritor. Costumo dizer que o arquivo de um escritor é uma rede sem remate; há interligações explícitas e elos indelévels a serem detectados e relatados.

4) A que podemos atribuir a ausência de obras clássicas da literatura brasileira na biblioteca do escritor, como *Iracema*, de José de Alencar, autor a quem Mário de Andrade dedicou *Macunaíma*, o herói sem nenhum caráter na primeira versão manuscrita?

R.: A biblioteca que pertenceu a Mário de Andrade, hoje catalogada no IEB, assim como qualquer biblioteca de escritor, não totaliza os livros e as revistas que ele possuiu ao longo da vida. Do mesmo modo que qualquer biblioteca particular... Não se pode esquecer que há obras nas estantes do autor de *Pauliceia desvairada* que foram da família dele. Alencar seguramente andou por lá, um dia. E outros nomes importantes, em outras áreas. Estou procurando identificar, na esfera dos chamados clássicos da literatura brasileira e universal, o que teria restado das coleções do pai e do avô, homens de muita leitura. É bem difícil. Mário, talvez depois de perder muito, pôs este aviso em sua casa: "Livro não se empresta./ Venha ler aqui." Além disso, ele realizou um descarte, oferecendo muitos livros à Biblioteca Pública de Araraquara quando esta surgiu. Entre eles, parnasianos franceses. Biblioteca circulante, não resguardou a integridade da doação, infelizmente.

5) Na *Revista da Academia Paulista de Letras*, 12 de dezembro de 1946, ano IX, nº 36, p.148-149, há o depoimento de José Bento de Faria Ferraz, secretário de Mário de Andrade, sobre a carta-testamento deixada pelo escritor ao irmão Carlos de Moraes Andrade. A missiva que não tem as formalidades legais de testamento previa a partilha de seu espólio entre instituições artísticas e culturais do estado de São Paulo. Na *Lira paulistana*, livro póstumo de Mário de Andrade, o poeta nos legou o que poderíamos considerar seu “poema-testamento”:

Quando eu morrer quero ficar,
Não contem aos meus inimigos,
Sepultado em minha cidade,
Saudade.

Meus pés enterrem na rua Aurora,
No Paçandu deixem meu sexo,
Na Lopes Chaves a cabeça
Esqueçam.

No Pátio do Colégio afundem
O meu coração paulistano:
Um coração vivo e um defunto
Bem juntos.

Escondam no Correio o ouvido
Direito, o esquerdo nos Telégrafos,
Quero saber da vida alheia,
Sereia.

O nariz guardem nos rosais,
A língua no alto do Ipiranga
Para cantar a liberdade.
Saudade...

Os olhos lá no Jaraguá
Assistirão ao que há-de vir,
O joelho na Universidade,
Saudade...

As mãos atirem por aí,
Que desvivam como viveram,
As tripas atirem pro Diabo,
Que o espírito será de Deus.
Adeus.

Que diálogo podemos estabelecer entre a carta e o poema?

R.: Felizmente essa fragmentação não se concretizou. A vinculação do acervo de Mário de Andrade ao patrimônio do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo garantiu, definitivamente, o conjunto, a integridade das partes que o compõem – arquivo, biblioteca e coleção de artes, bem como a de peças etnográficas e imaginária religiosa. Convalidou, também, a difusão ampla das informações e o acesso dos estudiosos à totalidade dos documentos. Quanto ao poema, o eu lírico se distribui, como o boi totêmico do bailado bumba meu boi, para continuar existindo, plasmado à sua São Paulo microcosmo. É um texto lindo, que me emociona. Especialmente no trecho: “Os olhos lá no Jaraguá/ Assistirão ao que há-de vir,/ O joelho na Universidade,/ Saudade...”.

Diálogo

6) O Instituto de Estudos Brasileiros, fundado por Sérgio Buarque de Holanda em 1962, comemora em 2012 cinquenta anos de existência. Tendo no começo uma perspectiva brasilianista, marcada pelas aquisições das coleções Alberto Lamego e Yan de Almeida Prado, qual a importância da vinda do acervo de Mário de Andrade para o IEB?

R.: Neste ano do cinquentenário do IEB é fundamental que se reconheça a importância do Prof. José Aderaldo Castello, docente da área de Literatura Brasileira da FFLCH-USP, o terceiro diretor e aquele que pôs de pé o IEB, concretizando, o escopo de pesquisa e interdisciplinaridade da instituição. Incentivou a exploração das duas coleções iniciais, Alberto Lamego e Yan de Almeida Prado, considerando sobretudo as obras raras que ganharam visibilidade nos trabalhos de Rosemarie Horch, nossa bibliotecária, e de Rubens Borba de Moraes, grande especialista. Ao lado do Prof. Antonio Candido de Mello e Souza, cuidou da incorporação do Acervo Mário de Andrade ao patrimônio do IEB. Castello deu condições ao trabalho voltado para a organização das partes desse acervo que firmou o IEB como um centro de estudos do modernismo. Em 1972, promoveu a exposição *Brasil: 1º tempo modernista*, comemorando os 50 anos da Semana de Arte Moderna, a primeira mostra ancorada em documentos, sobretudo nos documentos reunidos por Mário de Andrade. A exposição andou pelo Brasil e pela França; os painéis estão armazenados no IEB; da pesquisa que a estribou, nasceu a coletânea com o mesmo nome. Na gestão de Castello, ocorreram as negociações para a entrada do arquivo e da biblioteca de Guimarães Rosa, no IEB. Foi ele quem consolidou a revista da institui-

ção, traçando-lhe, inclusive, a capa. E inaugurou nossas edições com as obras ligadas a seu grande projeto de estudo das revistas literárias brasileiras, criando também a Biblioteca Universitária de Literatura Brasileira, a BULB, que cuidou de edições críticas de obras de coletâneas de textos essenciais da história e da crítica. Na BULB, em 1978, eu fiz a primeira edição crítica de *Macunaíma*, capitalizando recursos do acervo de Mário. Essa edição crítica trouxe, pela primeira vez, a classificação das variantes. Além disso, Castello ligou o IEB à produção de documentários sobre assuntos brasileiros, dirigidos por cineastas de primeira plana, como Geraldo Sarno e Sérgio Muniz. Em 1971, ele realizou, no IEB, o I Encontro Internacional de Estudos Brasileiros. Nos anos '60 e '70, promoveu os cursos de férias sobre o Cangaço, sobre a Década de 1920, a de 1930 e a de 1940. Conjuntos muito bem articulados de palestras interdisciplinares foram sempre concorridíssimos. Contaram com grandes nomes. Lembro: Sérgio Buarque de Holanda, Antonio Candido, Paulo Emílio Salles Gomes, Décio de Almeida Prado, Sábato Magaldi, Cavalcanti Proença, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Anatol Rosenfeld, Afonso Arinos, José Ramos Tinhorão. Abriram também espaço para os jovens pesquisadores concursados, do quadro da instituição.

Diálogo

(crédito da foto: Fernando Alvim)



Telê Ancona Lopez com Carlos Augusto de Andrade Camargo, sobrinho de Mário de Andrade, no aniversário dos 50 anos do IEB-USP.

7) Há mais de quarenta anos a senhora se dedica ao estudo e à pesquisa do acervo de Mário de Andrade, coordenou o recente Projeto Temático FAPESP/IEB/FFLCH-USP. Ainda há muito a ser feito?

R.: A mineração da riqueza do acervo Mário de Andrade comporta 300, 350 projetos, adstritos às áreas da

produção do polígrafo ou interdisciplinares, multiplicados por esses mesmos números. Tarefa *vossa*, também!

8) A senhora como Mário de Andrade constitui um arquivo? Caso o tenha, qual será o seu destino?

R.: Creio que é hora de pensar nisso, com carinho.



crédito da foto: Márcio Távora

No quintal, Telê e Garoa.

Diálogo